



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

5796 - Trabalho Completo - XIII Reunião Científica da ANPEd-Sul (2020)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 07 - Alfabetização e Letramento

PRÁTICAS DE LETRAMENTO E A VIVÊNCIA DAS CRIANÇAS EM UM GRUPO DE ESTUDOS BÍBLICOS PENTECOSTAL

Eneusa Mariza Pinto Xavier - FURG/PPGEDU - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

PRÁTICAS DE LETRAMENTO E A VIVÊNCIA DAS CRIANÇAS EM UM DE ESTUDOS BÍBLICOS PENTECOSTAL

1- Introdução:

O propósito deste trabalho é apresentar dados de uma pesquisa etnográfica realizada em 2019 que teve como principal objetivo conhecer e entender as práticas de letramento vivenciadas pelas crianças da Agropecuária Canoa Mirim, município de Santa Vitória do Palmar- RS, que participam de um grupo de estudos bíblicos da religião Pentecostal.

Na tentativa de caracterizar as práticas de letramento vivenciadas pelas crianças deste grupo, foi fundamental compreender o modo que as mesmas utilizam a escrita, a leitura e a oralidade que circulam neste contexto.

A problematização dos dados da pesquisa foi realizada a partir das seguintes situações: i) leitura da bíblia; ii) oralidade e, iii) entoação de louvores como práticas de letramento, uma vez que estão profundamente associadas em todas as atividades vivenciadas pelas crianças no contexto desse grupo de estudos bíblicos.

Analisando o conjunto de dados, identifiquei que a leitura da bíblia e a contação de histórias configuram-se como práticas de letramento deste grupo, sendo a bíblia um artefato-chave que promove o letramento. Desta forma, neste artigo optei por apresentar e discutir as estratégias letradas utilizadas pelas crianças e evangelizadora referentes especificamente ao evento de contação de histórias bíblicas, a partir dos pressupostos da metodologia qualitativa de cunho etnográfico, (AMEIGEIRAS, 2007, OLIVEIRA, 2006) e considerando as especificidades de pesquisa com crianças (GRAUE e WALSH).

Os dados demonstram que este evento envolve atividades coletivas e tem também uma função social, pois as crianças compartilham estas vivências em outros contextos. Na análise deste evento foi possível perceber que as práticas de letramento vivenciadas pelas crianças são sociais e possuem particularidades, envolvendo interações que caracterizam a cultura deste grupo religioso e assim vão organizando e constituindo os modos de ser, falar e agir aceitáveis na cultura dentro desse contexto.

Palavras chave: Práticas de Letramentos. Pesquisa com crianças. Grupo de estudos bíblicos pentecostal.

2 – Método

Sendo o objetivo principal da pesquisa conhecer as práticas de letramento vivenciadas pelas crianças da Agropecuária Canoa Mirim, no contexto de um grupo de estudos bíblicos, optei por uma abordagem qualitativa de cunho etnográfico, (AMEIGEIRAS, 2007, OLIVEIRA, 2006), visto que, por meio dessa perspectiva de investigação, também é realizado um aprendizado, assemelhando-se a um processo de socialização no qual o pesquisador apreende padrões e modos comportamentais, códigos de convivência e significados presentes na vida social, por conseguinte, é possível interpretar o meio pesquisado explicando, definindo, esclarecendo e resumindo (AMEIGEIRAS, 2007).

Inicialmente realizei um trabalho exploratório de conhecimento deste espaço, caracterizando a comunidade, analisando seu dialeto, sua forma de desenvolver cultura e o contato que as crianças têm com materiais de leitura e escrita. É importante destacar a particularidade desta investigação, em que as crianças são os sujeitos da pesquisa, sendo essencial reconhecer e considerar que elas têm capacidade de interpretar o mundo adulto, transformando e produzindo sua própria cultura a partir das interações com os outros.

Assim, a criança é compreendida considerando seu potencial para refletir, atuar e tomar posição dentro do seu meio social. Sarmiento (2004) afirma que antes de tudo, as crianças aprendem com as outras crianças, nos espaços de partilha comuns, essa partilha de tempos, ações, representações e emoções são necessárias para um melhor entendimento do mundo e faz parte do processo de crescimento.

Logo, quando a criança é considerada como protagonista de uma investigação, lhe é atribuído voz e poder, lá é entendida não como submissa e dependente, mas como um sujeito que participa de forma ativa, intervindo no processo de pesquisa e possuindo possibilidades de posicionamentos e reflexões.

Na perspectiva da etnografia com crianças é fundamental reconhecer que elas “[...] não sabem menos, sabem outra coisa” (COHN, 2005, p. 33). Desse modo, procurei informações acerca do grupo de crianças que iria observar, considerando que conhecer precisamente o ponto de vista delas é um grande desafio.

Por conseguinte, amparada na metodologia, procurei estabelecer estratégias que possibilitou transcrever e interpretar a concepção das crianças. Contudo, Graue e Walsh (2003, p. 56) advertem que:

Por mais aliciante que a frase “através dos olhos das crianças” possa ser, jamais veremos o mundo através dos olhos de outra pessoa, particularmente dos olhos de uma criança. Pelo contrário, veremos sempre o mundo através de uma multiplicidade de camadas de experiência, das crianças e nossas, e de uma multiplicidade de camadas de teorias.

Portanto, o aprofundamento do referencial teórico dos estudos da infância é indispensável na pesquisa com crianças, entretanto, é necessário também considerar que elas

são imaginativas e espontâneas, assim muitas vezes foi necessário abandonar as teorias e concepções para refletir sobre as interações das crianças.

Os dados foram produzidos no convívio com as crianças do grupo de estudos bíblicos ao longo de 2018, e em outros espaços, como por exemplo, a escola situada na Agropecuária Canoa Mirim. Os registros foram realizados por meio de filmagens, fotografia, anotações em diário de campo e entrevista com as crianças.

No exercício da produção dos dados foi necessário a utilização de diferentes instrumentos a fim de realizar reflexões e análises, assim, em um movimento inicial, assisti atentamente e transcrevi o material de áudio e vídeos, cruzei informações desse material com os referências teóricos e as anotações do diário de campo, articulando com episódios desenvolvidos no contexto pesquisado que envolviam a escrita, evidenciando padrões e que caracterizavam práticas de letramento.

A fim de avançar nos diferentes aspectos da pesquisa, foi necessário o constante exercício de aproximação, distanciamento e reflexão, destacando a importância do cuidado para que o envolvimento com o meio pesquisado não interferisse na leitura dos dados, “[...] estranhando suficientemente tudo aquilo que nos é próximo, de maneira que possa alcançar uma distância mínima que nos habilite ao questionamento típico do olhar etnográfico.” (OLIVEIRA, 2006, p. 14).

Dentro desta perspectiva, os registros no diário de campo e caderno de anotações foram fundamentais uma vez que possibilitaram refletir sobre os registros e as atitudes no contexto pesquisado.

3 – Discussões e resultados:

O grupo de estudos bíblicos da Igreja Pentecostal Casa de Oração na Agropecuária Canoa Mirim denomina-se “Herdeiros da Promessa” e é formado por 12 crianças na faixa etária entre 5 e 12 anos, sendo 7 meninas e 5 meninos.

No decorrer da pesquisa realizei 28 observações participativas junto ao grupo de crianças da comunidade Agropecuária Canoa Mirim que frequentam a Igreja Pentecostal Casa de Oração, sendo 10 no grupo de estudos bíblicos e 18 nos cultos realizados na localidade, durante estas observações foram produzidas aproximadamente 300 minutos de gravações de voz e vídeos e 140 fotos.

Na observação do evento de contação de histórias, identifiquei várias estratégias utilizadas pela evangelizadora para que as crianças tenham conhecimento da Bíblia, as quais se constituem em práticas de letramento. Os Novos Estudos do Letramento - NLS consideram eventos e práticas de letramento como complementares, porém as práticas de letramento vão além dos eventos, elas incluem os comportamentos dos componentes do grupo e ainda suas compreensões, envolvendo assim uma reflexão sobre estas situações. Soares (2012, p. 105), faz uma diferenciação entre o conceito de eventos e práticas de letramento explicando que:

A distinção entre *eventos* e *práticas* de letramento é exclusivamente metodológica, já que são duas faces de uma mesma realidade. O conceito de *eventos de letramento*, dissociado do conceito de *práticas de letramento*, não ultrapassa, segundo Street (2001:11), o nível de descrição [...], não revela produtos não só da situação e de suas características

específicas, mas também das convenções e concepções que as ultrapassam, de natureza cultural e social. É o uso do conceito de *práticas de letramento* como instrumento de análise que permite a interpretação do evento, para além de sua descrição.

Portanto “o conceito de práticas de letramento se coloca num nível mais alto de abstração e se refere igualmente ao comportamento e às conceitualizações sociais e culturais que conferem sentido aos usos da leitura e/ou da escrita” (STREET, 2014, p. 18).

Tendo em vista que a leitura da bíblia ocorria de forma sistemática nos encontros, desencadeando conversas entre os participantes e promovendo o letramento, optei por apresentar e discutir os dados referentes a este evento bastante significativo do grupo de estudos bíblicos, que é a contação de histórias.

A evangelizadora traz uma história bíblica e relaciona com práticas do cotidiano das crianças, doutrinando sobre como deve o comportamento de uma criança pentecostal (amar e respeitar a Deus, evitar drogas, álcool e jogos que incluam competição, uso de vestimentas, entre outros).

Durante a contação da história, adverte para que seja observado a concentração e participação de todos, em uma observação realizada em agosto de 2018 a história escolhida foi “como Deus é”:

Observando a forma de expressão da evangelizadora ao contar a história, foi possível perceber o cuidado com seu tom de voz, tornando-se mais alto e pausado e ainda relacionando com fatos do cotidiano das crianças como é observado no excerto abaixo:

Deus é amoroso, ele traz vocês para a igreja, livra de todos os males do mundo, hoje mesmo, Ele mandou muita chuva e nossa estrada estava com barro e cheia de buracos, mas Ele sabia que seria importante você estarem aqui, então cuidou para que nosso carro chegasse em segurança sem nenhum problema ou acidente. Assim, não podemos deixar Deus triste, fazendo coisas que sabemos que desagrada Ele, como ouvir músicas do mundo, se vestir de forma extravagante e ficar no computador jogando. Temos que vigiar para Deus continuar nos ajudando e vocês irão crescer felizes (Transcrição 12/08/2018)

Ainda refletindo sobre este evento de contação de história, observo que a evangelizadora utiliza a linguagem corporal e dramatização de cenas. Para Stein e Rosemberg (2010), nas ocasiões de leitura de histórias, a entonação, os gestos, a referência às ilustrações e a orientação corporal instigam as crianças a construir significados de modo compartilhado.

Assim, a contação de história oportunizou uma apropriação coletiva do conteúdo, que pode ser observado na interação das crianças com a Evangelizadora durante este evento:

Evangelizadora: Então como podemos ver que Deus é amoroso?

L.: Porque a gente chegou bem na igreja e nem atolamos na estrada, na

nossa frente vinha um carro e ficou “empenhado”, mas Deus é amoroso, sabia que a gente viria pra igreja e cuidou de nós

Evangelizadora: *Como podemos fazer as coisas certas e agradar a Deus?*
M.: *Falando Dele para as pessoas do mundo que não conhecem Deus, não ficar vendo “coisas feias” na internet, ouvir os louvores e prestar atenção quando Deus fala com a gente nos cultos através da sua palavra trazida pelos pregadores (Transcrição12/08/2018)*

Também percebo que as crianças recontam as histórias que ouviram com criatividade, imaginação, riqueza de detalhes e gestos, como observado no excerto abaixo do meu diário de campo:

*Em conversa com as crianças, após o trabalho da evangelizadora, perguntei se alguém teria uma história para me contar. Rapidamente D.se levantou e começou a relatar: Davi era um menino bem pequeno e fraquinho, um dia ele precisou lutar contra um monstro forte e grandão chamado Elias. Todo mundo sabia que Davi ia ser morto, mas aconteceu uma surpresa, Davi tinha o Espírito Santo com ele e Deus como é amoroso e cuida de seus filhos, deu bons pensamentos para Davi que disse: **Está repreendido e amarrado em nome do Senhor Jesus** (Neste instante, o menino levanta a mão e sua voz se torna mais alta e forte) e então ele pegou uma pedra e jogou em Elias. A pedra ficou muito pesada e acertou na cabeça do monstro que morreu na hora. E todo mundo veio abraçar Davi e viu que Deus estava com ele. Então passaram a ouvir e respeitar tudo que ele dizia. Amém! Glórias a Deus! (Diário de Campo13/08/2018)*

D. faz seu relato demonstrando um imenso orgulho e se colocando como o herói da história, por várias vezes quando se referia a este personagem apontava para seu próprio peito. Percebo que sua exposição, é repleta de frases utilizadas no grupo de estudos bíblicos e cultos como - **Davi tinha o Espírito Santo com ele e Deus como é amoroso e cuida de seus filhos mandou bons pensamentos para ele que disse: Está repreendido e amarrado em nome do Senhor Jesus!** -Também foi possível observar a reação das demais crianças que durante a história, interagiam repetindo a tradicional expressão “Glória a Deus”! Demonstrando assim a incorporação das práticas de letamentos que vivenciam nestes contextos religiosos.

A evangelizadora trabalha as histórias bíblicas fazendo vários questionamentos para as crianças maiores, (idade de 10 a 12 anos), sugerindo que encontrem as respostas em versículos de suas bíblias, como por exemplo, “*Encontre o versículo que trata sobre o amor de Deus, diga: se encontra no livro de Coríntios*” (EVANGELIZADORA, 13/08/2018)

Assim, sua reflexão sobre a história, articulada com versículos bíblicos, potencializa sua oratória e dá um tom de veracidade fundamentando com a leitura da bíblia, que insistentemente é pregado como o livro que contém a verdade da palavra de Deus, ainda exercita nas crianças o conhecimento da bíblia indicando versículo para ser pesquisados.

Refletindo sobre essa atividade é possível perceber como as práticas de letamentos ocorrem neste contexto observado. É evidente que crianças que não participam desse

ambiente religioso, teriam dificuldades em saber o significado de *versículos* e indagariam sobre o livro de *Coríntios*. No entanto, para as crianças pertencentes ao grupo de estudos bíblicos, essa informação é recebida como se fosse algo naturalizado, mesmo sem maiores detalhes elas entendem e compartilham com a evangelizadora o significado da fala, demonstrando que letramento “envolve também os contextos comunicativos compartilhados, nos quais o significado do que se entende por ações letradas é localmente definido” (CASTANHEIRA e DIKSON, 2007,p.10).

Considerando os dados apresentados, entendo que estas práticas norteadas pela oralidade articuladas com a leitura da Bíblia, podem ser concebidas como práticas letradas na medida em que “[...] podem repetir, reforçar, ampliar, ajustar ou contradizer o que está escrito” (MARINHO, 2010, p. 81).

Portanto, as práticas e os eventos letrados são sociais e possuem peculiaridades, caracterizadas pela cultura religiosa e abrangendo as interações realizadas no grupo. Assim a pesquisa realizada em um contexto religioso vem corroborando para compreensão das possibilidades e potencialidade sobre letramento nos diferentes espaços que não a escola.

4 – Conclusões:

Discorrer sobre o letramento, envolve reconhecer que não basta apenas saber ler e escrever, é indispensável também o uso da leitura e da escrita para atender às necessidades da vida em sociedade e das interações que se estabelecem entre as diferentes pessoas.

Considerando a leitura e a escrita numa perspectiva social, as práticas de letramentos - ocorrências que abrangem ações que utilizam ou implicam o uso da língua escrita – são semelhantes a diversas situações da vida social e ocorrem tanto dentro quanto fora da escola.

Neste trabalho tratei sobre aspectos dos letramentos realizado em uma Igreja Evangélica Pentecostal, refletindo sobre as práticas de letramentos que estão intrínsecas nas práticas religiosas promovidas no evento da contação de histórias.

A leitura e interpretação dos dados, permitiu destacar a leitura da Bíblia e a contação de história como principais práticas de letramento vivenciadas pelas crianças da Agropecuária Canoa Mirim no contexto do Grupo de Estudos Bíblicos da Igreja Pentecostal Casa de Oração. Constatei que as atividades realizadas pelas crianças participantes desse grupo, estimulavam seus saberes possibilitando a vivência de episódios de letramentos cada vez mais articuladas com o contexto social que elas estão inseridas.

Neste processo, foi necessário lançar um olhar diferenciado, minucioso, investigativo e reflexivo sobre os componentes de leitura escrita e oralidade que estão presentes no cotidiano deste grupo. Além disso, ao observar a forma peculiar que os sujeitos da pesquisa demonstravam em outros contextos, evidenciamos que seu vocabulário estava incorporado a estas práticas.

Nesta perspectiva, a metodologia da etnografia possibilitou compreender o que estava subentendido, conhecendo a forma particular das crianças se apropriarem do letramento. Observei, por meio das atividades relacionadas com a leitura da bíblia e da contação de história, que as crianças participantes do grupo de estudos bíblicos, foram introduzindo no seu cotidiano comportamentos, valores, vivências e pontos de vistas.

Percebi também, que o que é vivenciado no grupo de estudos bíblicos, é identificado

nas brincadeiras com a presença de expressões e passagens bíblicas, bem como alguns termos, como *vigiar*, para designar cuidado, *varão* quando se refere a um sujeito do sexo masculino e brincadeiras de *arca*, fazendo associação com a história da Arca de Noé da bíblia, configura-se como práticas de letramentos.

Portanto, o evento de contação de história articulado com a leitura da bíblia, envolve atividades coletivas, fazendo uso da leitura e escrita, sendo uma prática que contribui para o desenvolvimento do letramento das crianças participantes deste contexto, tendo também uma função social, pois as crianças compartilham estas vivências em seu meio.

Entendo que os dados desta pesquisa, permitem ampliar a perspectiva de letramento, que geralmente é associada à escolarização. A possibilidade de adentrar em outros espaços que as crianças vivenciam em sua comunidade, tem sido muito importante para problematizar conceitos e até mesmo, repensar o papel que a religião vem desempenhando na sociedade atual.

5 - Referências:

AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. **El abordaje etnográfico en la investigación social**. In: GIALDINO, Irene Vasilachis (Org.). Estratégias de investigação qualitativa. Buenos Aires: Gedisa, 2007.

CASTANHEIRA, M. L, GREEN, J.L, DIXON, CN. **Práticas de letramento em sala de aula: uma análise de ações letradas como construção social**. Revista Portuguesa de Educação. Vol.20, n. 2,p. 7-38, 2007.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

MARINHO, Marildes. **Letramento: a criação de um neologismo e a construção de um conceito**. In: MARINHO, M e CARVALHO, GT. (Orgs.). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. P. 33 – 53.

OLIVEIRA, Ricardo Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**, 3.ed./Brasília: Paralelo15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

SARMENTO, Manoel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade** In: SARMENTO, M. J. CERISARA, A. B.Crianças e Miúdos:perspectivas sócio pedagógicas da infância e educação. Porto, Portugal: Asa Editores, 2004.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.

STEIN, Alejandra. ROSEMBERG, Célia. **La de lectura de cuentos en el hogar: matriz de oportunidades de aprendizaje para los niños**. Cadernos de Educação FaE/PPGE/UFPel Pelotas [37]: 39 - 68, setembro/dezembro 2010. Acervo pessoal

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. 1ª Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. Tradução Marcos Bagno.